

O RIO CAPIBARIBE E HABITAÇÃO NA CIDADE DO RECIFE

1

THE CAPIBARIBE RIVER AND HOUSING IN THE CITY OF RECIFE

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2024.262170>

Camilla Aryana da Silva Monte

camillamonte.geografia@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Recife – Pernambuco - Brasil

<https://orcid.org/0009-0008-5126-2496>

Submetido em 23.03.24

Aceito em 03.04.2024

Resumo:

Recife, Veneza brasileira, cidade cortada por rios e banhada pelo mar, não é apenas geograficamente que as águas exercem um papel de grande importância para a cidade, mas também no seu processo histórico de constituição, seja pelo vetor econômico presente no passado colonial, seja no fator habitacional presente tanto no passado quanto na atualidade, onde regiões próximas aos corpos d'água passaram ou passam por um processo de valorização imobiliária tornando-se empreendimentos direcionados para uma parcela da população que pode pagar por esse contato mais próximo com a natureza. Partindo deste princípio, esse trabalho tem como objetivo compreender a relação entre o Rio Capibaribe e a habitação, utilizando o viés histórico de ocupação e crescimento da cidade para melhor compreender como isto está posto, para tal, busca-se como metodologia de pesquisa a leitura de material a respeito do referido tema e a visita de campo em direção as áreas próximas ao Rio Capibaribe. A cidade é produzida cotidianamente pelos diversos atores e produtores do espaço e as águas que cortam a cidade são mais um dos objetos a serem explorados, transformando o espaço e retirando antigos moradores que nas margens dos rios residiam para uma nova parcela da população que irá residir.

Palavras-chave: Cidade do Recife; Rio Capibaribe; Habitação; Produção do espaço

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Abstract:

Recife, Brazilian Venice, a city crossed by rivers and bathed by the sea, it is not only geographically that the waters play a role of great importance for the city, but also in its historical process of constitution, whether due to the economic vector present in the colonial past, or in the housing factor present both in the past and today, where regions close to bodies of water have undergone or are undergoing a process of real estate appreciation, becoming developments aimed at a portion of the population that can pay for this closer contact with nature. Based on this principle, this work aims to understand the relationship between the Capibaribe River and housing, using the historical bias of occupation and growth of the city to better understand how this is established, to this end, reading is sought as a research methodology of material regarding the aforementioned topic and the field visit to areas close to the Capibaribe River. The city is produced daily by the various actors and producers of the space and the waters that cut through the city are another object to be explored, transforming the space and removing former residents who lived on the banks of the rivers for a new portion of the population that will reside.

Keywords: City of Recife; Capibaribe River; Housing; Space production.

Introdução

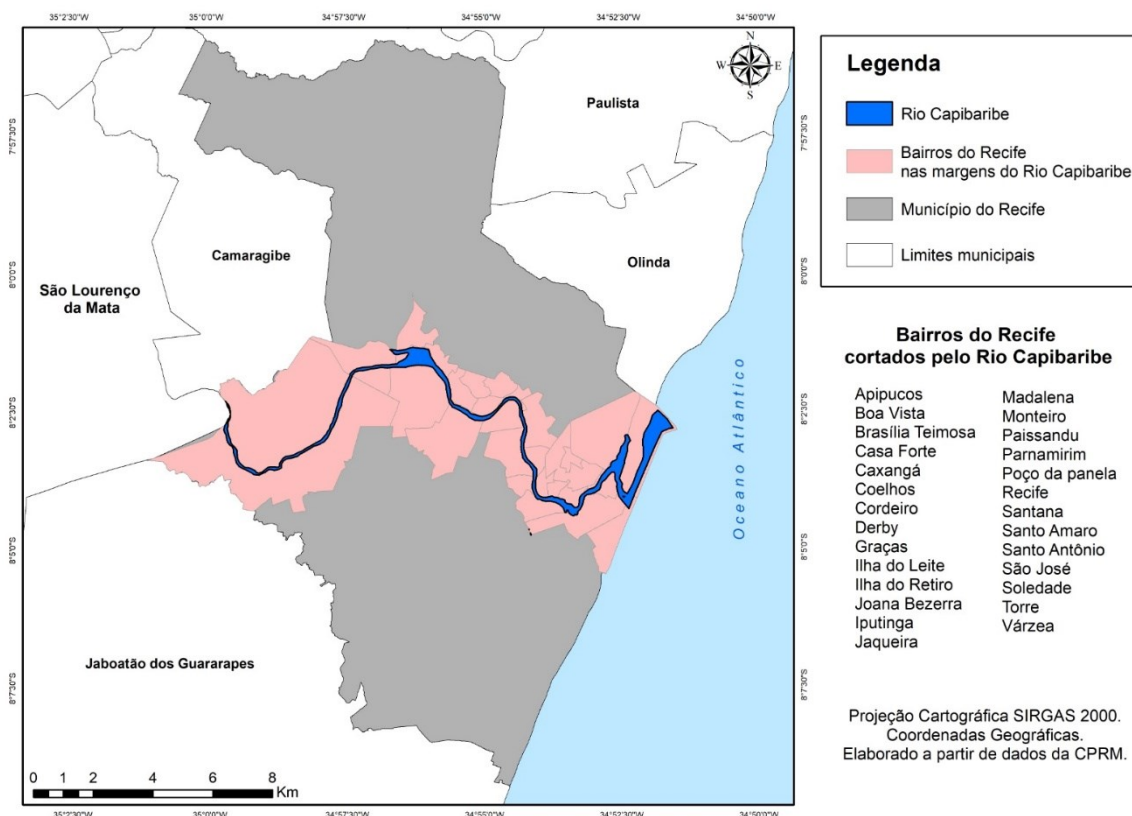
A cidade do Recife é cortada em sua extensão territorial pelo rio Capibaribe, com os seus meandros que desenham o interior da capital pernambucana. A história e a importância do rio Capibaribe se funde com a história da cidade do Recife, pois, desde o início do crescimento urbano e populacional por volta do século XVI que ocorre uma ocupação das margens do rio Capibaribe por meio da habitação e da agricultura, tornando-se quase que impossível falar do Recife e não citar o rio Capibaribe.

Villaça (2001) aponta que várias cidades construíram uma relação de proximidade com os rios que os cortam, mas apenas Recife construiu uma relação tão próxima e profunda com o Capibaribe (figura 01). Diferentes foram as ocupações que se sucederam nas margens dos meandros do rio Capibaribe, variando também as condições financeiras dos moradores que ali instalavam ou construíam as suas residências, a depender do período abordado observam-se diferentes ocupações do entorno do rio. Com isto, este trabalho tem como objetivo compreender como ocorreram as diferentes ocupações nas margens do rio Capibaribe durante o processo de constituição da cidade do Recife.

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figura 01: O rio Capibaribe na cidade do Recife e os bairros cortados por ele



Elaboração: Elaboração própria, 2023.

Essa pesquisa busca compreender como estão organizados o uso e as ocupações das margens do rio Capibaribe na cidade do Recife, buscando para tal, analisar os diferentes processos que resultaram nas ocupações ocorridas em suas margens em diferentes momentos da história da capital, realizando uma análise de quais grupos sociais utilizavam e utilizam atualmente as margens do rio como local para a construção de sua residência, com o intuito também de compreender as perspectivas futuras do uso e ocupação das margens do rio Capibaribe.

Têm-se como procedimentos metodológicos a leitura livros, artigos, notícias, entrevistas referentes ao tema abordado, uso de imagens de satélite e mapas com o intuito de realizar comparações referentes ao processo de ocupação e os usos realizados nas margens do

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

rio Capibaribe ao longo dos anos e a leitura e análise do Plano Diretor da Cidade do Recife no que tange o processo de expansão urbana do Recife frente aos corpos d'água que cortam a cidade.

Habitação nas margens do rio Capibaribe

Recife, cidade anfíbia, já dizia Josué de Castro em seus escritos, a cidade marcada desde a sua gênese por uma intensa e dicotômica relação com as águas, sejam essas as águas dos rios ou as águas do mar. É impossível falar do Recife e não mencionar as águas que circundam e que cortam a cidade, sendo essas, importantes fatores econômicos, sociais, paisagísticos e geográficos da cidade.

O Recife teve o porto como grande catalisador e exportador de sua economia açucareira no período colonial, mas foram nas margens dos rios que estavam presentes as grandes plantações de cana-de-açúcar que posteriormente o seu açúcar seriam levadas em direção ao porto e exportado para diversos países. Em diferentes outros momentos da história observa-se a influência dos rios na constituição da cidade do Recife, seja para o seu uso navegável por meio de barcos, turismo como forma de enxergar a cidade ou mesmo a ocupação de suas margens por meio de habitação da população mais carente que não dispunha de condições financeiras para ocupar as áreas “secas” das planícies da cidade.

[...] no Recife, o que não é água, foi água ou lembra a água [...] água do mar que cobriu em época remotíssima, água dos rios que a cortam e recortam [...] água subterrânea [...] água dos pântanos que a vegetação dos mangues ensombra e oculta, água do mar que não capitula diante dos recifes e volta, duas vezes por dia, a visitar, pelos braços dos rios, os seus domínios perdidos. Oliveira (1942, p. 38-39)

Dentre as águas que cortam e margeiam a cidade do Recife, uma se destaca, as águas do rio Capibaribe que cortam a cidade como uma ferida, encrustada na cidade e que não apenas acrescenta a cidade, mas também, torna-se a cidade.

As margens do Capibaribe também tiveram uma grande importância para o processo de crescimento e futuramente urbanização da cidade, o início do processo de ocupação de suas margens datam já do século XVI (Silva Sobrinho, 2013) para o plantio de cana-de-açúcar além

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

de instalação dos engenhos e das residências dos seus trabalhadores. O uso e a ocupação da área do entorno do rio Capibaribe está atrelada com a importância que o rio tem para a cidade do Recife, o crescimento da cidade do Recife estava atrelado ao Capibaribe, como afirma Melo (1978) as povoações e núcleos encontravam instalados próximos às suas margens, direcionando assim a sua crescente ocupação.

Foram se criando novos usos das margens do Capibaribe com o passar dos anos, além do uso por meio dos engenhos do açúcar, em meados do século XVII também irá ter o surgimento das ocupações de suas margens para a instalação de residências de veraneio, utilizando de suas águas para banhos medicinais com o intuito de curar as enfermidades (Maior e Silva, 1992), era comum ver famílias com o seu mobiliário realizando o trajeto por meio de canoas para suas casas de veraneio. A partir de 1840 se tornará mais intenso o surgimento de chácaras e sítios nas proximidades do Capibaribe (Villaça, 2001), motivados agora por meio do desmembramento dos antigos engenhos que tiveram seus lucros diminuídos com enfraquecimento da produção açucareira, é nesse momento que os antigos engenhos irão dar lugar aos futuros subúrbios da cidade do Recife.

Nos fins do século XIX já se haviam transformado em subúrbios ou em povoações periféricas um bom número desses estabelecimentos rurais canavieiros, como Madalena, Torre, Casa Forte, Monteiro e Apipucos (Melo, 1978, p. 64).

A partir do processo de reformas urbanas que ocorreram na cidade do Recife em meados do século XIX ocorrem modificações de uso e de seus objetos, com a instalação primeiramente de serviço regular de ônibus utilizando tração animal e posteriormente com o uso de linhas férreas, acabando por diminuir o uso do rio como transporte e priorizando o meio de transporte terrestre. Essa mudança de meio de transporte foi um marco para a ocupação efetiva das margens do Capibaribe, pois, foi a partir da modificação do meio de transporte que as antigas residências apenas de veraneio passam a ser residências efetivas de ocupação, entretanto, iniciará neste período a sobreposição do uso das vias terrestres em detrimento às vias aquáticas.

Será a partir do surgimento das vias terrestres que iniciará uma ocupação mais

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

consistente e efetiva das áreas mais interioranas da cidade do Recife, o recifense que se concentrava no núcleo central da cidade agora pode residir nas zonas mais longínquas com o uso do transporte viário, sendo dessa forma, um importante vetor para o processo de crescimento da cidade. As casas que antes tinham a suas frentes voltadas para o rio, agora o darão às costas.

Durante muito tempo a ocupação das margens a oeste do Capibaribe estava nas mãos da aristocracia recifense, que iniciou o processo de ocupação a partir das casas de veraneio, tornando-se forte até a década de 1960. Entretanto, não se pode afirmar que a ocupação da região era apenas da parcela da população com maior poder aquisitivo, mas também, da população mais carente, como os mocambos, que eram residências simples instaladas nas áreas de planície da cidade e próximas ao Capibaribe (figura 02).

Figura 02: Cartão Postal com mocambos.



Fonte: Coleção Josebias Bandeira – Fundação Joaquim Nabuco

Os mocambos eram residências populares localizadas na planície, nas margens do Capibaribe, construídos de forma simples, abrigando a população mais carente da cidade muitas vezes oriundas das cidades do interior e que buscavam na capital a melhoria da qualidade de vida. Os mocambos eram construídos nos mangues e nos terrenos próximos ao rio, por ser uma terra sem dono, encontram neste local o melhor espaço para construir suas simples residências, além de residir os mucambeiros encontravam no “quintal” de casa o alimento e a fonte de renda diária, o caranguejo, que escondido nas lamas do manguezal era mais do que um ser vivo para os moradores do mocambo, era fonte de vida.

...assim vai o Recife crescendo com uma grande população marginal

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

que vegeta nos seus mangues em habitações miseráveis do tipo dos mocambos. É que o Recife – a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos – das choças, dos casebres de barro batido a sopapo com telhados de capim, de palha e de folha-de-flandres. (Castro, 1948, p.73-74)

Entretanto, a partir das reformas urbanas ocorridas no início do século XX na cidade, por meio do interventor Agamenon Magalhães criou-se uma luta social contra os mocambos, com o objetivo de destruí-los, a partir primeiramente da proibição de construção de novos mocambos e em seguida, a proibição da permanência dos mocambos na cidade. A reforma urbana ocorrida no Recife pautava-se na necessidade de “higienizar” a cidade, com o aterro dos mangues, pois, para o governo, era um espaço de contaminação de doenças, surge então “A Liga Social Contra o Mocambo” que tinha como objetivo além da retirada da população residente nos mocambos na área central da cidade, o incentivo a construção de residências de alvenaria na zona norte do Recife.

Na encenação destrutiva, há relatos de que o mocambo era amarrado a correntes e arrastados. Os moradores empurrados fora de sua moradia retiravam seus pertences e, na maioria das vezes, saíam à procura de um lugar para morar, impotentes ante a violência do Estado. O palco relatado e provável desta cena, no momento mais pujante da Liga, são os bairros de São José, Boa Vista, Afogados e Santo Amaro, às margens do Capibaribe, nos aterros sobre o manguezal. (Leite, 2010, p. 04 e 05).

Com a destruição dos mocambos tem início o movimento da população em direção aos morros da zona norte da cidade, que dispunham de terras para a moradia e por muitas vezes sem dono, sendo possível ali construir a residência legitimadamente destruída pelo Estado, sobre isso Maricato (2001, p.219) “é nas áreas rejeitadas pelo mercado imobiliário privado e nas públicas, situadas em regiões desvalorizadas, que a população trabalhadora vai se instalar”. A destruição dos mocambos foi muito mais do que apenas uma tentativa de higienizar a cidade, foi a expulsão da população carente do centro da cidade em direção aos espaços periféricos, empurrando-os para à marginalidade.

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Habitação e as águas litorâneas

A partir, aproximadamente, da década de 1950, o rio foi perdendo o vislumbre que tinha, sendo um dos fatores para isso, a deposição dos esgotos sanitários das residências em suas águas, o rio diminui o seu poder atrativo e torna-se o fim dos despejos das residências. Entretanto, mesmo com esse novo uso, ele não perde a sua grandiosidade de moradia, já que continua até a década de 1960 o uso das margens a oeste do Capibaribe como local de residência da aristocracia recifense (Villaça, 2001), sendo somente é a partir da década seguinte que o ocorrerá uma mudança de paradigma, com o uso mais efetivo da orla oceânica como moradia, na parte ao sul principalmente nos bairros de Boa Viagem e Pina na zona sul do Recife, com residências de classe média e alta (Silva, 2015). A especulação imobiliária estava concentrando a sua atenção para os bairros litorâneos da zona sul da cidade, enquanto que bairros localizados próximos ao rio não tinham ainda a atenção dos produtores do espaço (Silva e Bitoun, 2007).

Desde o século XIX nas metrópoles brasileiras, cada uma à sua maneira, os agentes hegemônicos se deslocam para um ponto específico da cidade, criando uma concentração elitista em uma mesma região. No Recife, a ocupação irregular dos bairros é uma característica marcante do processo de urbanização da cidade, que teve início na zona oeste e se consolidou na zona sul. (Novaes et al, 2016)

As residências próximas ao mar surgiram com o intuito de serem casas de veraneio, com o seu uso mais frequente no período de férias (Gomes, 2007) da mesma forma que ocorreu com as casas nas margens dos rios no século XVI e XVII. A crescente ocupação da parte litorânea recifense inicia-se a partir da popularização dos banhos de água salgada, no século XIX já ocorriam os banhos de mar, entretanto, não havia se popularizado entre a população, só ocorrendo na segunda metade do século XX. Inicia-se um processo migratório em direção as áreas beira-mar, uma negação do rio em detrimento ao mar, com uma crescente ocupação de áreas litorâneas, a partir de residências e edifícios de pequeno e grande porte.

A reforma urbana do Recife estava imbuída ideologicamente do binômio desenvolvimento e modernização, e no seu âmago trazia um novo modo de vida, uma nova cultura urbana: o convívio social nas praias. Portanto, houve uma valorização do espaço litorâneo, tornando as praias que eram paisagem residual, em lugar de esportes,

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

entretenimento, do lazer e de cura para as classes elevado poder aquisitivo. Essa mudança ideológica da sociedade, só se torna possível graças a expansão da malha urbana na direção do litoral, com o aporte de um conjunto de infraestruturas e transformações da realidade pré-existente. (Silva, Gomes, Albuquerque, 2016, p.65)

Entretanto, no bairro do Pina já tinha uma ocupação permanente na região, eram pescadores e antigos mocambeiros que buscando novas áreas para se instalarem encontram no Pina o melhor terreno para a sua nova residência. Originalmente o bairro tinha uma grande concentração de águas e manguezais, sendo necessário aterrar diferentes localidades para que fosse possível ocupação do local, ademais, o bairro não tinha atrativos para sua efetiva ocupação (figura 03).

Figura 03: Praia de Boa Viagem, na década de 1930



Fotografia: José Cesio Rigueira Costa; Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife

O bairro do Pina só terá uma ocupação mais efetiva em meados da década de 1950, quando a legislação urbanística eleva o bairro juntamente com Boa Viagem na categoria de zona urbana (Mendes, 2019), essa modificação foi o resultado direto das transformações que ocorreram no contexto do espaço urbano dos bairros e os seus arredores, como a construção da linha férrea de carros sobre trilhos para o transporte (Santos, 2019) e a construção de sistema sanitário, essa intervenção do Estado tem como principal intuito buscar incentivar a ocupação

por meio de residências permanentes. Observa-se uma ruptura, o bairro do Pina dos pescadores e dos antigos mucambeiros se difere desse novo bairro que está surgindo, atrativo e próximo ao recém-construído Aeroporto da Cidade do Recife, “Assim, a diferenciação dos usos será a manifestação espacial da divisão técnica e social do trabalho, num determinado momento histórico” (Carlos, 2015, p.46), a transformação do bairro irá criar mais uma ruptura, o que antes era rural, agora passa a ser urbano.

Os serviços que surgiram e a valorização do espaço acabam por expulsar os antigos moradores que residem no bairro e que não conseguem acompanhar as transformações urbanísticas do bairro e nem a crescente especulação imobiliária do local, sobre a construção do espaço urbano da cidade do Recife.

É aqui que observa-se o papel crucial e determinante da produção do espaço por meio da especulação imobiliária que ao analisar o espaço e perceber as suas potencialidades o restringe a uma pequena parcela da população que pode pagar os valores cobrados para residir no local, onde os atrativos que ali existem (ou serão criados) será destinado a essa parcela da sociedade.

Todo o setor oceânico passou a constituir um vetor de crescimento urbano e metropolização, que se foi acompanhando as praias, espraiando-se para outros municípios e resultando em uma única mancha urbana conurbada e litorânea. (Santos, 2019. p.2269)

Os incentivos a construção nos bairros praiheiros serão tão intensos que na década de 1990 já irão se tornar um dos espaços mais densamente habitados da cidade do Recife (Santos, 2019), concretizando o intuito que tinha surgido ainda no início do século.

Os olhares se voltam para o rio Capibaribe

Não ocorreu uma retirada total dos produtores imobiliários das margens do rio Capibaribe, o que ocorreu, foi uma valorização dos espaços praiheiros comparado às margens do rio, mas nunca, a sua negação por total, tanto que os estudos de Lacerda et al (2018) mostram que o crescimento da cidade do Recife durante a década de 1970 ocorria por dois vetores, sul (área litorânea) em Boa Viagem e no Pina e a oeste em bairros como Graças e Espinheiro,

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

ambos próximos ao rio Capibaribe, os empreendimentos foram construídos com o incentivo do Estado a partir do financiamento oferecido a partir de crédito concedido pelo Banco Nacional do Habitação¹ (BNH).

A existência do BNH irá contribuir para a firmação de um mercado imobiliário significativo e irá consolidar o processo de expansão imobiliária de cidades brasileiras, como Recife, o produtor imobiliário começa a ganhar mais força em uma região que até então não tinha espaço para ele.

A área a oeste que compreende os bairros próximos ao Rio Capibaribe tem sua história se confundindo com a história da própria cidade, pois, foram nesses bairros onde ocorreram as instalações dos primeiros engenhos, as casas de arrabalde e posteriormente o desmembramento desses engenhos em sítios e chácaras e por fim, loteamentos e ocupações pela população de classe média e baixa.

A vertente ao sul cresceu de forma mais intensa e no processo de espraiamento houve um direcionamento dos produtores imobiliários para a vertente a oeste, iniciando nos bairros do Derby e do Espinheiro e em seguida ocupando localidades que antes não estavam na rota do crescimento imobiliário e que tinham como algumas características a presença do verde com densa vegetação e residências de arquitetura de séculos passados, tornando esses espaços achados urbanos para a especulação imobiliária, utilizando das suas singularidades para a venda dos novos empreendimentos que estavam surgindo. Para a maior consolidação da área se fez necessário a criação de atrativos, criando serviços e transformações urbanísticas por meio de órgãos públicos, sobre isso Lacerda et al (2018, p. 49), relata:

Como consequência, assistiu-se nos bairros das Graças, Espinheiro, Aflitos e Jaqueira, à emergência de uma nova centralidade, entendida como uma nova concentração de atividades comerciais e de serviços – além daquela que emergiu em Boa Viagem. Uma quantidade relevante dessas atividades foi ali se instalando, acompanhando os investimentos imobiliários habitacionais.

¹ A construção de empreendimentos imobiliários financiados pelo BNH ocorreu em diferentes localidades da cidade do Recife e para diferentes públicos, como os conjuntos habitacionais presentes na área de tabuleiros distantes da área litorânea e das margens dos rios.

A especulação imobiliária ocorreu de forma intensa nos bairros às margens do rio Capibaribe localizados na zona oeste e norte da cidade, conseqüentemente, ocorreram a diminuição das características destes bairros como exemplo a supressão das residências do tipo horizontal que existiam a partir do processo de verticalização, com a construção de edifícios de médio e grande porte direcionados para a população de classe média e alta.

Na atualidade, o que se vê, são prédios que voltam suas frentes ao Capibaribe. Morar nos apartamentos que o margeia tem se tornado sinônimo de status. E a ânsia dos agentes imobiliários em dinamizar seus lucros os tem levado a explorar as áreas adjacentes (Silva, 2008, p.32).

A cidade do Recife surgiu e se expandiu tendo como pano de fundo a segregação, diferenciando os espaços daqueles que produzem a cidade daqueles que constroem a cidade, fruto das contradições do processo capitalista na produção do espaço urbano.

Os estudos de Villaça (2005, p.142) comenta sobre segregação como “diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole” a partir de como se constituiu a cidade é que se faz possível compreender como ocorreu o seu processo de segregação, seja a partir da diferenciação entre centro elitizado e a periferia ou a partir de diferenciações intraurbanas em uma mesma localidade ou bairro.

Castells (2020) explica que a cidade é um entrelaçamento histórico de diferentes estruturas sociais e Recife não foge à regra, a produção do espaço não ocorreu de forma única e linear, mas sim, com diferentes processos que resultaram em sua configuração atual, a busca dos produtores imobiliários por novas terras para explorar e produzir acabaram por gerar na cidade do Recife uma configuração única.

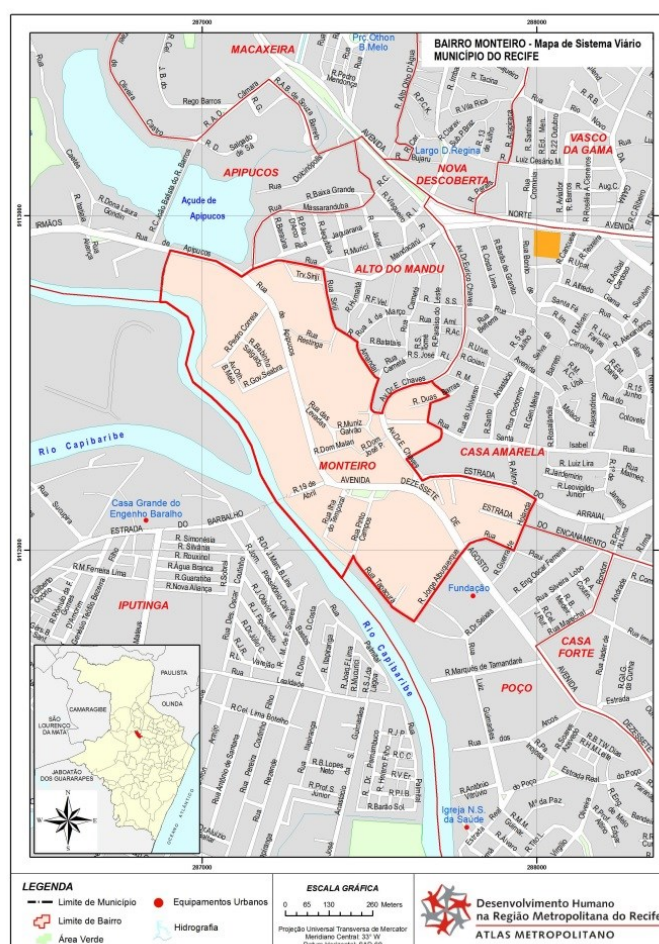
Ao compreender a urbanização em um dado momento como um estado de ordem entre períodos de reorganização, podem-se articular no tempo as influências locais e globais, além de relacionar a forma urbana com processos sociais heterogêneos e desiguais. Essa articulação parece ensejar possibilidades novas de inserção do fenômeno da pobreza como elemento essencial para a produção das

cidades latino-americanas. (Castells, p.438, 2020)

Um desses bairros é o Monteiro localizado a noroeste da cidade, com uma área territorial de 53 héctares e uma população em torno de 5.917 habitantes (PREFEITURA DO RECIFE, 2023), o bairro surgiu a partir do desmembramento do engenho de açúcar de mesmo nome em meados do século XIX (figura 04)

13

Figura 04: Mapa da delimitação do bairro do Monteiro na cidade do Recife.



Fonte e Elaboração: Prefeitura do Recife

Localizado as margens do Rio Capibaribe, o bairro do Monteiro tem como limite os bairros de Alto Mandu, Apipucos, Casa Amarela, Casa Forte e Poço da Panela. O preço médio

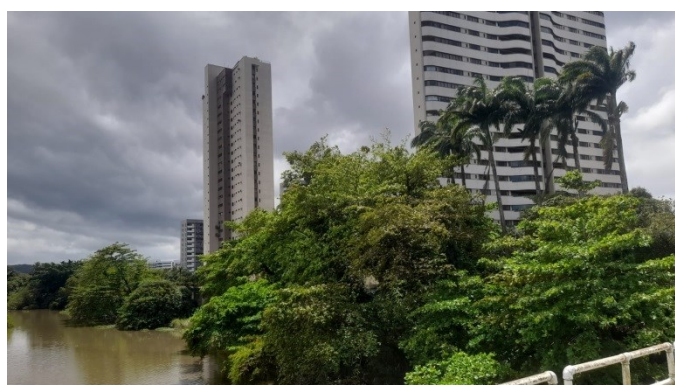
MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

do aluguel no bairro é em torno de três mil reais a partir de dados obtidos pela plataforma *Quinto Andar* (2022), sendo o quarto bairro mais caro para residir no Recife (Jorna do Commercio, 2023).

No bairro, encontram-se diferentes configurações territoriais, resultado direto do processo de ocupação da cidade, com edifícios de padrão mais elevado lado a lado de comunidades carentes instaladas na lama do rio Capibaribe (figuras 05 e 06).

Figuras 05 e 06: Residências localizadas às margens do rio Capibaribe no bairro do Monteiro



Fonte: Autoria própria, 2023.

As margens do rio Capibaribe encontra-se a Zeis Vila Esperança criada em 1994, com cerca de mil pessoas residindo em áreas de terra firme e também nas bordas alagadiças do rio. A ocupação é antiga, existindo há mais de 50 anos a partir dos desmembramentos dos engenhos

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

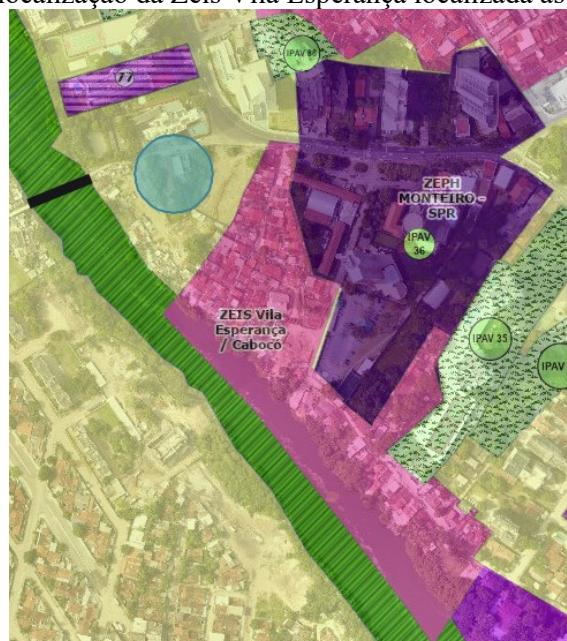
que existiam na região, mesmo com o longo período de permanência no local, poucos foram os moradores que receberam a posse do seu imóvel. Segundo Villaça (2005, p.4)

Com o desenvolvimento do capitalismo, juntamente com os demais bens necessários para atender as necessidades humanas, a habitação começa - embora lenta e penosamente - a assumir a forma de mercadoria. Entretanto, o sistema econômico privado, não consegue oferecer habitações a todos, quer sob a forma de mercadoria ou não. A obrigação de oferecer habitação àqueles que não têm condições econômicas de pagar por uma, passa progressivamente a ser do Estado. Este, contraditoriamente, ao mesmo tempo que reconhece essa obrigação como sua, dá provas concretas de que é incapaz de, desincumbir-se satisfatoriamente dela.

15

É nas proximidades da Vila Esperança (figura 06) que a Prefeitura do Recife está construindo a ponte Engenheiro Jaime Gusmão, a construção da ponte foi iniciada em 2012, mas acabou ficando paralisada por sete anos, até voltar a ser construída em setembro de 2021. Estudos apontam que a construção da ponte orçada em R\$ 38 milhões irá beneficiar aproximadamente 60 mil pessoas, interligando os bairros da zona norte e zona oeste da cidade, entretanto, essa construção irá impactar diretamente os moradores da ZEIS Vila Esperança, com 53 desapropriações diretas dos moradores que residem nas proximidades da ponte, onde a população será alocada para um habitacional nas proximidades, mas não inserida no perímetro da ZEIS.

Figura 07: Esquema de localização da Zeis Vila Esperança localizada às margens do rio Capibaribe



Fonte e elaboração: Prefeitura do Recife.

A Ponte Engenheiro Jaime Gusmão é apenas uma parte de um grande empreendimento viário, que prevê ainda a construção de um anel viário como etapa posterior do projeto e que irá gerar um impacto ainda maior para os moradores que residem no local, com uma desapropriação cinco vezes maior do que a atual, com a retirada de 255 famílias.

Além das desapropriações, a construção da ponte já está gerando outras modificações do espaço, o processo de especulação imobiliária a partir da construção de novos empreendimentos imobiliários que por sua localização serão diretamente beneficiados pelo novo anel viário, “a história do capitalismo nada mais é, nesse sentido, que um processo histórico de privatização crescente de porções da superfície terrestre e de tudo que ela contém”. (Moraes e Costa, 1984, pp.159-160).

Com a construção do equipamento viário observa-se a criação de um novo serviço que busca atender a um público que ainda não reside no local, mas que será o principal beneficiado, a transformação do espaço não é apenas paisagística, mas também, de estrutura e forma. Além disto, observa-se o uso dos apazeres naturais do lugar para a venda dos novos

empreendimentos, como a proximidade com rio Capibaribe e uma densa área verde, com isso, o produtor do espaço busca criar no imaginativo do novo morador uma menor distância entre o morador do espaço urbano e a natureza, utilizando-se para isso, das singularidades do local.

No seio dos efeitos sociais, devidos à pressão das massas, o individual não morre e se afirma. Surgem direitos; estes entram para os costumes ou em prescrições mais ou menos seguidas por atos, e sabe-se bem como esses “direitos” concretos vêm contemplar os direitos abstratos do homem e do cidadão inscritos no frontão dos edifícios pela democracia quando de seus primórdios revolucionários: direitos das idades e dos sexos (a mulher, a criança, o velho), direitos das condições (o proletário, o camponês), direitos à instrução e à educação, direito ao trabalho, à cultura, ao repouso, à saúde, à habitação. [...] A pressão da classe operária foi e continua a ser necessária (mas não suficiente) para o reconhecimento desses direitos, para a sua entrada para os costumes, para a sua inscrição nos códigos, ainda bem incompletos (Lefebvre, 2008, p.117).

Atualmente, ocorre uma luta contra-hegemônica da população que reside na ZEIS Vila Esperança que busca a regularização fundiária das residências e a permanência no local que residem e a que eles pertencem (figura 08), sobre isso Lefebvre (2008, p.52) afirma “a luta de classes, hoje mais que nunca, se lê no espaço”.

Figura 08: Trecho da Vila Esperança



Fonte: JC Online, 2023.

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



A Vila Esperança está situada as margens do Rio Capibaribe e circundada por edifícios de alto padrão (figura 09), edifícios esses construídos no limite da ZEIS, que tornam-se grandes contrastes da paisagem.

Figura 09: Edifícios nas proximidades da ZEIS Vila Esperança



Fonte: LeiaJá, 2023.

Entretanto, mesmo com a proximidade com a ZEIS os grandes empreendimentos imobiliários não serão atingidos para a construção da Ponte Jaime Gusmão, o projeto prevê apenas a desapropriação das residências da Vila Esperança (figura 10), preservando os edifícios de alto padrão construídos, se criando uma dicotomia, entre o que pode ser retirado e o que pode ser preservado no mesmo espaço.

Figura 10: Projeto de desapropriação das residências da Vila Esperança



Fonte: Projeto Ponte Engenheiro Jaime Gusmão.

19

A retirada das residências da Vila Esperança apenas evidencia que o planejamento urbano das cidades contemporâneas visa atender aos interesses dos produtores do espaço que observam nos lugares apenas as potencialidades para explorar e produzir atendendo aos seus interesses.

Considerações finais

Desde o processo de constituição do Recife como cidade, observa-se a importância das águas para o crescimento da cidade, sendo este um importante fator de análise para compreensão do processo de expansão urbana. O papel das águas no contexto de produção do espaço Recife não deve ficar apenas atrelado ao passado canavieiro e do porto, mas sim, analisado tanto no presente quanto no futuro, buscando com isso, vislumbrar para o futuro as possíveis transformações espaciais que possam vir a acontecer, em uma constante produção e reprodução do espaço contemporâneo.

As transformações ocorridas às margens do Capibaribe apenas evidenciam o papel que este rio tem frente à cidade do Recife quando comparado os períodos históricos e os diferentes

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

usos que decorreram desde o período colonial até os dias atuais no processo de produção da cidade, processo este, que tem como pano de fundo de constituição da cidade a segregação socioespacial, ocasionada a partir do processo de especulação imobiliária que ocorre desde a constituição do espaço urbano nas cidades.

Referências

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. 590p.

COSTA, W. **Geografia crítica: A valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1984. 196 p.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo, 2008. 146 p.

LEITE, R. **Recife dos morros e córregos: a fragorosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela**. Encontro Nacional de História Oral. Pernambuco, 2010.

MELLO, J. Capunga: crônica de um bairro recifense. In: MAIOR, M. S.; SILVA, L. D. (Org.). **O Recife: quatro séculos de sua paisagem**. Pernambuco: Massangana, 1992. cap. 21, p. 263-281.

MELO, M. **Metropolização e subdesenvolvimento o caso do Recife**. Pernambuco: UFPE, 1978. 256 p.

MENDES, A. **Urbanismo neoliberal periférico: reflexões sobre as transformações urbanas no bairro do Pina**, Recife-PE, 2019. Dissertação – Desenvolvimento Urbano, UFPE, Recife, 2019.

NOVAES, F. L. *et al.* **Um histórico de segregação recifense: o Córrego da Fortuna, Recife – PE**. In: Revista Rural & Urbano, Recife. v. 01, n. 01, 2016, p. 192-199.

SANTOS, O. **Considerações sobre a produção do espaço praiano do Recife: os limites e os desafios do planejamento urbano**. In: Simpósio de Geografia Urbana, XVI. 2019, Vitória, Anais... p. 2259 – 2278.

SILVA SOBRINHO, M. **Várzea: Lembranças de um tempo que se foi**: Recife: Bagaço, 2012.

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

SILVA, J.; GOMES, E.; ALBUQUERQUE, M. **A cidade: uma leitura geográfica da paisagem urbana da metrópole pelo Pina, Recife – PE.** Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 05, N. 01, 2016.

SILVA, L. **A verticalização do espaço urbano : o caso do bairro do Prado Recife/PE.** 2008. 106f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Lincoln Institute. 2001, p.384 . Acesso em: 04 abr. 2023, 2001.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: Na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 536 p.

A pobreza como cartão postal. Diário de Pernambuco. Recife, 2017. Disponível no link: <<https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2017/03/28/a-pobreza-como-cartao-postal/>>

Monteiro. Quinto Andar. Recife, 2023. Disponível no link: <<https://www.quintoandar.com.br/regioes-atendidas/monteiro-recife-pe-brasil-rdyzt230p1>>
Projeto da Ponte Engenheiro Jaime Gusmão. Scribd, 2023. Disponível no link: <<https://pt.scribd.com/document/525310280/Novo-Projeto-Ponte-Iputinga-Monteiro>>
Vila Esperança resiste a ameaça da ponte do Monteiro. Portal Leia Já, 2023. Disponível no link<<https://m.leiaja.com/noticias/2023/08/23/pe-vila-esperanca-resiste-ameaca-da-ponte-do-monteiro/>>

MONTE, C. O rio Capibaribe e habitação na cidade do Recife. Revista Rural e Urbano, v.9, n.1, 2024. p. 01-21.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>